

4

O Maravilhoso em *O Picapau Amarelo*

Partimos da síntese de Sonia Maria Rodrigues Mota em sua dissertação de Mestrado *Monteiro Lobato para crianças: recepção e carnaval*:

Em *O Picapau Amarelo* o repertório se concentra nos contos maravilhosos tradicionais, com entradas para obras tipo *As Mil e Uma Noites*, *D. Quixote de La Mancha*, *Peter Pan*, (...) algumas personagens da mitologia grega (...). O autor inclui em seu repertório já consagrado (...) personagens de outros autores, da epopéia, dos contos da *Carochinha* e aproveita para dialogar (...), inserir na fala de personagens alheias ou próprias o questionamento dos enredos, da moral e mesmo da ficção” (MOTA, 1993. p.53).

Apesar do encontro de vários “mundos”, fábulas e personagens, destaque-se que o título desta aventura é o nome do Sítio. O Sítio é o lugar: “O sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado Mundo de Mentira” (LOBATO, 2004, p.7).

Vale notar que o mundo de mentira recebe iniciais maiúsculas, o Mundo de Verdade não. Seguindo a narrativa, observamos que outros “conceitos abstratos”, como Deus, Bondade e Justiça, também começam com maiúsculas. Vejamos o texto original de Lobato, já no primeiro parágrafo de *O Picapau Amarelo*; a citação é verdadeiramente longa, mas fundamental para o estudo de *O Picapau Amarelo*:

O Mundo de Mentira, ou Mundo da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos como Flor das Alturas. Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de

mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro. O que se dá é que as crianças logo que se transformam em gente grande fingem não mais acreditar no que acreditavam.

– Só acredito no que vejo com meus olhos, cheiro com meu nariz, pego com minhas mãos ou provo com a ponta da minha língua, dizem os adultos – mas não é verdade. Eles acreditam em mil coisas que seus olhos não vêem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam.

– Deus, por exemplo – disse Narizinho. – Todos creêm em Deus e ninguém anda a pegá-lo, cheirá-lo, apalpá-lo.

– Exatamente. E ainda acreditam na Justiça, na Civilização, na Bondade – em mil coisas invisíveis, incheiráveis, impegáveis, sem som nem gosto. De modo que se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização – nem todas as coisas abstratas.

– Eu sei o que quer dizer “abstrato” – disse Emília. – É tudo quanto a gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega – mas sente que há.

– Muito bem. Logo, o Mundo da Fábula existe, com todos os seus maravilhosos personagens.” (LOBATO, 2004, pp.7-8)

A abertura da obra já impõe a discussão sobre o tênue limite entre os conceitos de *ficção* e *realidade*, através da aproximação de idéias como *abstração* e *imaginação*.

A narrativa se desenvolve a partir de uma carta de Pequeno Polegar à Dona Benta pedindo permissão para a mudança dos personagens do Mundo da Fábula para o Sítio. Assim escreve Polegar: “– (...) O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa – se a senhora der licença, está claro...” (LOBATO, 2004, p.8)

Dona Benta, no entanto, não consegue localizar o endereço do remetente para enviar-lhe a resposta. Quem resolve a questão é Emília. Emília é a “intermediária” entre o Sítio e o Mundo das Fábulas:

Emília deu uma risada gostosa.

– Ah, meu Deus! Que bicho bobo é gente grande!... Morrem de lidar com as maravilhas e não aprendem nada – não aprendem essa coisa tão simples que é o “faz-de-conta”. Me dá aqui a carta (LOBATO, 2004, p.9).

O sistema do “faz-de-conta” subverte qualquer lógica ou senso comum. Por exemplo, Emília pode ler a carta que não lhe pertence e depois dizer “*faz de conta que não li*”.

O exercício do ‘faz-de-conta’ também possui sua carga de humor, como no “feitiço” que Emília proclama para enviar a carta-resposta a Polegar:

Ventos e brisas daquém e dalém
Passarinhos e borboletas

Esta resposta ao Polegar levade,
Depressa, depressa, se não...

E lançou a cartinha ao vento.

– Se não o quê, Emília? – perguntou Narizinho.

– Se não, nada. O se não é só para meter medo (LOBATO, 2004, pp.9-10).

O “faz-de-conta”, além de outras propriedades, possibilita que os personagens do Sítio participem ativamente das histórias, interferindo diretamente e modificando-as. Vejamos a idéia de Emília, em momento posterior da narrativa:

– Acalmem-se! Ainda há “o supremo recurso” – disse a diabinha. (...) – Há o “faz-de-conta”! Quando tudo parece perdido, eu recorro ao “faz-de-conta” e salvo a situação (LOBATO, 2004, p.39).

Embora concorde com a mudança dos personagens das fábulas para o Sítio, Dona Benta idealiza regras que mantêm a “separação” entre os tais personagens e os moradores originais do Sítio. A extensa citação abaixo dá conta não apenas de tais regras como da lista dos personagens tradicionais que vêm viver no Sítio:

Que viessem todos – todos, todos, até o Barba Azul – mas com a condição de não invadirem o sítio, de não pularem a cerca. Eles ficavam para lá da cerca e ela e os netos ficavam para cá da cerca, *[note-se que o narrador está do lado do sítio, “para cá”, sua fala ecoa do sítio]* nas velhas terras do sítio. Quando algum quisesse visitá-los, tinha de tocar a campainha da porteira e esperar que o Visconde abrisse. Proibido pular. Quem o fizesse, correria o risco de espetar-se no pontudo chifre de Quindim – o guarda.

As condições foram aceitas, e passada uma semana começou a mudança dos personagens do Mundo da Fábula para as Terras Novas de Dona Benta. O Pequeno Polegar veio puxando a fila. Logo depois, Branca de Neve com os sete anões. E as Princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha. E o Príncipe Codacidade, com Aladino, a Xarazada, os gênios e o pessoal todo das ‘Mil e Uma Noites’. E veio a Menina da Capinha Vermelha. E veio a Gata Borracheira. E vieram Peter Pan e os Meninos Perdidos do ‘País do Nunca’, mas o Capitão Gancho com crocodilo atrás e todos os piratas; e a famosa Alice do ‘País das Maravilhas’; e o Senhor de La Fontaine em companhia de Esopo, acompanhados de todas as suas fábulas; e Braba Azul com o facão de matar mulher; e o Barão de Munchausen com as suas famosas espingardas de pederneira; e os personagens todos dos contos de Andersen e Grimm. Também veio D. Quixote, acompanhado de Rocinante e do gordo escudeiro Sancho Pança.

Mas não vinham a passeio, não; vinham com armas e bagagens, com os castelo e palácios, para uma fixação definitiva. Vinham para morar ali toda vida (LOBATO, 2004, p.12).

Como podemos observar, os personagens das fábulas não vieram a passeio, mas para morar no sítio. Não é difícil relacionar este dado com a profissão de fé

de Lobato “ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar”. De fato, os livros infantis de Lobato vão se tornando a moradia tanto de seus leitores como dos personagens maravilhosos clássicos. É ainda curioso que os lotes das Terras Novas do Sítio se reverteriam em propriedades dos personagens das fábulas, como comemora o Pequeno Polegar:

– Eles sempre sonharam uma coisa assim. Nunca puderam habitar sossegados numa terra que fosse unicamente deles. Uns moravam em livros, outros na cabeça das crianças. Agora vão ser donos de um território próprio, só deles. Vão sossegar, os coitados (LOBATO, 2004, pp.12-13).

Os habitantes do Sítio também acompanham extasiados a metamorfose da paisagem do Sítio a partir da mudança dos personagens das fábulas. Neste sentido, vale destacar que não apenas os personagens, mais a paisagem de suas histórias, seus *habitats* originais vêm para as terras de Dona Benta:

Pedrinho estava maravilhado com a transformação das Terras Novas. Um puro milagre, aquilo! Tudo mudado. Castelos e mais castelos, palácios e mais palácios; e árvores enormes, velhíssimas, que ele nunca vira por lá. E lagos azulíssimos; e torrentes de água espumante, alvíssima; e despenhadeiros de pedras nuas; e jardins maravilhosos. Até aquela famosa casa feita só de doces, que Hansel e Gretel descobriram na mata virgem, fora transportada para lá (LOBATO, 2004, p.14).

É dado especial destaque para a vinda dos personagens da Mitologia Grega para o Sítio:

A novidade maior foi a chegada dos personagens da mitologia grega – uma quantidade enorme! A Medusa, com aqueles cabelos de cobra – cada fio uma cobra, e atrás dela o valente Perseu que lhe cortou a cabeça. O Rei Midas, que só cuidava de amontoar ouro e acabou se enjoando. Os centauros, meio homens, meio cavalos; e os faunos de chifrinhos; e os sátiros de pés de bode; e as sereias; e as ninfas; e as náiadas, que eram as ninfas das águas (LOBATO, 2004, p.13).

O narrador nos conta que a Grécia já teve tempos mitológicos antes de ser igual aos outros países. A Grécia é considerada a terra de origem da própria imaginação humana, da liberdade e pureza do imaginário verdadeiramente fabuloso:

– (...) Sim, porque a Grécia teve tempos heróicos antes de ter tempos iguais aos de todos os outros países.

Nesses tempos heróicos tudo lá eram maravilhas – deuses e semideuses, ninfas e faunos pelas florestas, náíades e tritões nas águas, silfos nos ares. (...) Ah, a Grécia foi a verdadeira juventude da Imaginação Humana. Depois da Grécia essa imaginação foi ficando adulta e sem graça – lerda. Nunca mais teve o poder de criar maravilhas verdadeiramente maravilhosas (LOBATO, 2004, p.29).

A entrada em cena do herói Belerofonte dá notícia do ideal grego de beleza: “Era tão formoso o herói que todos não tiravam dele os olhos – até tia Nastácia o espiava lá da copa, de minuto em minuto. Perto dos gregos antigos, as gentes de hoje parecem verdadeiras corujas” (LOBATO, 2004, p.29).

O herói Belerofonte faz a reflexão de que a única forma de uma jovem sobressair-se em seu tempo era através do heroísmo de suas ações:

– (...) Naquele tempo os moços só podiam distinguir-se realizando feitos heróicos. Era no período em que tínhamos no grande Hércules o modelo supremo. Equiparar-se a Hércules constituía o sonho de todos os jovens gregos (LOBATO, 2004, pp.29-30).

Aqui é interessante notar que o herói grego utiliza o nome romano do grande Heracles. Possivelmente, Lobato optou pela utilização do nome mais conhecido pelas crianças leitoras, em mais uma estratégia de aproximação ao universo delas. O comentário de Belerofonte também dialoga com a vivência da criança de eleição de heróis como modelos de conduta e coragem: através da fala do grego, aprendemos que crianças e jovens de todos os tempos sempre escolheram heróis como inspiração de comportamento.

Emília associa a busca de aventuras de Belerofonte e demais heróis gregos ao excêntrico herói moderno D. Quixote: “– Tal qual o senhor D. Quixote – lembrou Emília. – Ele também varejava a Espanha atrás de aventuras – mas apanhou demais, o coitado. Cada sova...” (LOBATO, 2004, p.30).

O personagem célebre de Cervantes é um dos representantes da ficção literária que passam a morar no Sítio. Em outras obras de Lobato, Emília já se definira como *quixótica*. Aqui, em *O Picapau Amarelo*, o cavaleiro da triste figura também merece a especial atenção e admiração da boneca, na medida em que representa a relatividade dos conceitos de *sanidade* e *loucura* e a distinção entre *ficção* e *mentira* – questões geralmente provocadas por Emília na literatura lobatiana. Na falta de uma hospedaria no Sítio para acolher o herói da Mancha,

Pedrinho pensa em alojá-lo em um dos castelos das princesas, ao que Emília responde:

– Seria no meu se eu fosse princesa – disse Emília – Acho D. Quixote o suco dos sucos. A loucura chegou ali e parou. Adoro os loucos. São as únicas gentes interessantes que há no mundo (LOBATO, 2004, p.15).

Voltando ao herói grego, Belerofonte conta suas aventuras e a passagem sobre sua intenção de encontrar e capturar o cavalo alado Pégaso. Vale observar que o herói mitológico chegou a duvidar da existência do corcel, o qual chegou a considerar uma lenda, uma fábula – em um incrível *jogo de fabulações* que *se dobram sobre si mesmas*, Lobato nos coloca um *personagem maravilhoso duvidando da existência de outro, ficção questionando ficção*, como na fala de Belerofonte: “– (...) Seria lenda ou realidade? Consultei muita gente, sem conseguir informes seguros” (LOBATO, 2004, p.30).

Na salada de fábulas preparada por Lobato, aliás, há espaço até para um *personagem de ficção fantasiar-se de outro personagem fictício*:

Era preciso fantasiar Sancho de chefe de piratas. O mais custoso foi arranjar um gancho para o seu braço direito. Pedrinho lembrou-se dum trinchante que havia no armário; entortou-o em forma de gancho e amarrou-o na munheca do escudeiro. Saiu mais ou menos; de longe enganava. O resto foi simples: uma faixa vermelha na cintura (o xale velho de tia Nastácia), o facão de cozinha enfiado na cinta e outros apêndices. Sancho ficou um Capitão Gancho bastante ordinário (...) (LOBATO, 2004, p.37)

Retornando à passagem de Belerofonte, o herói ratifica sua escolha pelo imaginário ao acreditar em um menino que confirma ter visto o belo Pégaso. Lobato põe na voz do herói esta encantadora máxima: “– (...) Suas palavras encheram-me de esperança, porque dou mais fé a um menino de que a um moço ou a um velho” (LOBATO, 2004, p.30).

Pedrinho atribui a inspiração para as máquinas alemães de guerra à Quimera e sua capacidade de lançar fogo: “– Com certeza foi daí que os alemães tiraram a idéia daqueles lança-chamas que usam na guerra – observou Pedrinho” (LOBATO, 2004, p.32).

O progresso e a profundidade dos conhecimentos científicos, filosóficos, políticos e artísticos dos gregos também é revelado às crianças leitoras, bem como

o crédito que lhe devem as conquistas do mundo moderno. É eloqüente esta fala de Dona Benta à Narizinho:

- Os gregos, minha filha, sabiam por palpite todas as coisas que os modernos sabem por experiência; isto é, sabiam sem certeza – adivinhavam. Foram os adivinhadores do mundo. As nossas certezas modernas baseiam-se na experiência. As certezas dos gregos baseavam-se na intuição, isto é, numa espécie de adivinhação. Não há teoria moderna que não esteja esboçada na obra dum antigo sábio grego.
- Assim é, minha senhora – confirmou Belerofonte, admirado da sabedoria da velhinha (...) (LOBATO, 2004, p.33).

Na festa de fábulas promovida por Lobato nem tudo pode ser pacífico. Os possíveis conflitos de interesse e disputas de poder entre personagens de tradições diferentes que passam a conviver no mesmo espaço não ficam de fora da obra de Lobato nem passam despercebidas por Emília:

- Há mar, sim – advertiu Emília – Peter Pan já trouxe o Mar dos Piratas. Só quero ver como Netuno vai acomodar-se com Capitão Gancho. Este malvado está convencido de que o rei do mar é ele... (LOBATO, 2004, p.13)

De fato, no jogo da intertextualidade, é de se esperar alguns embates coerentes com o perfil dos personagens envolvidos. Assim é que o narrador nos comunica: “Era inevitável o choque entre o cavaleiro da Mancha e a Quimera caduca.” (LOBATO, 2004, p.27).

Também não ficam de fora os conflitos de convivência e relacionamento, refletindo as sociedades humanas do “mundo real”, como relata Branca de Neve: “– (...) As coisas do Mundo das Maravilhas são tão encrocadas como as do mundo de vocês. Há ciúmeiras, há implicâncias, há invejas...” (LOBATO, 2004, p.20). Ao retratar os personagens clássicos com imperfeições humanas, Lobato consegue efeito próximo à humanização de deuses e heróis conferida pela Mitologia Grega. Em sua versão nova versão humanizada, o maniqueísmo tradicional dos contos de fadas, sempre a segregar indissolavelmente *heróis X vilões* é mais um pilar a ser questionado e rerepresentado em sua *relatividade*.

A literatura infantil brasileira anterior a Lobato possuía forte caráter educativo e moralizante, servindo de veículo para a imposição de valores às crianças, geralmente sem espaço para a reflexão crítica por parte delas. O reducionismo cristalizado que congela idéias pré-concebidas é desconstruído por Lobato. A aventura da descoberta de conceitos independentes do senso comum,

através da insubstituível experiência pessoal, deve substituir a simples absorção de valores e dogmas anteriores, pois aquele que é tradicionalmente considerado “mau” pode ser “bom” e vice-versa, como Visconde ensina ao Pequeno Polegar sobre a Quimera:” – Não tenha medo – (...) – a madama aqui é velha, mansíssima, e de tão boa paz como o Quindim. Vai levar-nos montados em seu lombo” (LOBATO, 2004, p.23).

Além disso, os personagens mitológicos envelhecem, o que também colabora para sua humanização e para sua aproximação da realidade do leitor. Observemos outro trecho do encontro entre o Visconde e a Quimera:

O Visconde refletiu consigo que estava diante dum monstro muito velho, de milhares de anos e já extinto – como os vulcões que apenas fumegam. Examinando-o melhor, confirmou-se nessa idéia. O bicho apresentava todos os sinais duma tremenda velhice: pêlo escasso e branco, rugas, olhos lacrimosos e tremores nas pernas. Parecia o papagaio caduco do tio Barnabé, que tinha cem anos e só dez penas no corpo enrugado. Sim, ele estava diante da terrível Quimera que fora o pavor da antiguidade – mas já inofensiva, sem dentes, sem fogo, sem pêlos – caduca. E o Visconde sentiu um grande dó. Coitada! Quando lhe pediu fogo, ela, com o maior esforço, só pôde dar fumacinhas... (LOBATO, 2004, p.21).

Contudo, embora os personagens das fábulas e das mitologias envelheçam, não morrem de verdade. Mesmo quando um personagem morre na narrativa, não há *morte definitiva* porque suas histórias são eternamente contadas e recontadas através dos tempos. Cada vez que uma história é recontada, todos os seus personagens revivem, como nos ensina Narizinho:

– Que coisa curiosa! – disse Narizinho. – No Mundo da Fábula ninguém morre duma vez. Peter já venceu esse gancho e o fez afogar-se no mar e ser engolido pelo jacaré – e depois disso o Capitão já nos apareceu lá em casa e agora vai aparecer novamente aqui...
 – Se não fosse assim – explicou Branca – isto não seria nenhum País das Maravilhas. O maravilhoso está justamente nisso...
 – Foi também o que aconteceu para o lobo que devorou a avó de Capinha. Morreu a machadadas e, no entanto, continua a viver e a farejar avós – como naquele dia lá no sítio (LOBATO, 2004, p.26).

É neste mesmo sentido que Emília, ao fim de *D. Quixote das Crianças* (LOBATO, 2004), a morte do cavaleiro da Mancha: “– Morreu, nada! – dizia ela. – Como morreu, se D. Quixote é imortal? Dona Benta ouvia aquilo e ficava pensativa...” (LOBATO, 2004, *D. Quixote das Crianças*, p.91).

Voltando a *O Picapau Amarelo* e ao encontro entre Visconde e Quimera, esta se compara e equipara ao Visconde como fábula, corroborando o projeto de Lobato de convivência igualitária entre as culturas: “– Sou uma fábula grega, como você me parece uma fábula moderna.” (LOBATO, 2004, p.22).

No mesmo sentido, ao falar sobre as diversas mitologias existentes, o narrador coloca nosso folclore como a “Mitologia do Brasil”: “(...) Há a mitologia grega, a mais rica de todas; há a mitologia da Índia; há a mitologia dos povos nórdicos; há até a mitologia do Brasil, na qual vemos o Saci, o Caipora, a Mula-sem-cabeça, a Iara” (LOBATO, 2004, p.21).

Outra característica importante do carnaval de fábulas idealizado por Lobato é que os personagens de outras tradições que chegam ao Sítio começam a viver aventuras ‘inéditas’, não incluídas em seus contos ou livros de origem, ou seja, suas histórias têm continuidade fora de suas narrativas originais, agora com personagens de tradições distintas. As novas aventuras no Sítio muitas vezes são narradas pelos próprios personagens que as protagonizam:

Sancho fez logo camaradagem com Pedrinho, ao qual contou várias proezas de seu amo que não figuram no famoso livro de Cervantes.

– Ah! menino, este meu amo é na verdade o herói dos heróis. Ainda há pouco, ali na estrada das Terras Novas, espetou com a lança um homem muito feio, de grandes barbas azuis (LOBATO, 2004, p.16).

Um exercício interessante de metalinguagem é observado em ocasiões onde os próprios personagens das fábulas contam suas histórias: “Lá no castelo de Branca de Neve os meninos ouviam a história da galante princesinha contada por ela mesma” (LOBATO, 2004, p.23).

Emília é a voz dissonante através da qual as próprias narrativas são postas em xeque, representando a reflexão crítica que Lobato quer despertar nas crianças leitoras. A boneca intervém na narração de Branca de Neve dizendo à princesa:

– Uma coisa curiosa – disse Emília – a gente sabe toda a vida de vocês princesas, mas nunca sabe nada dos príncipes consortes. Esses príncipes só aparecem no fim das histórias. Casam-se, há uma grande festa e pronto! Até hoje ainda não consegui ver um só desses príncipes-maridos. Onde anda o seu? (LOBATO, 2004, pp.23-24).

Nos contos de fada da tradição européia, o casamento da protagonista com o príncipe é geralmente o desfecho da história, assumindo valor de ‘prêmio’ para a

heroína que, mesmo sofrendo as piores agruras e injustiças, soube manter uma conduta honrada. Só quando a protagonista consegue casar-se com o príncipe se torna “*feliz para sempre*” e a narrativa termina. A fala de Emília desconstrói o papel de ‘grande prêmio’ dado aos príncipes das histórias européias e argumenta que tais personagens são, na verdade, meros coadjuvantes nas sagas das princesas. Vejamos como a boneca, em outro momento da narrativa, tenta convencer Branca de Neve a casar-se com o Príncipe Codadade distinguindo-o dos príncipes meramente “coadjuvantes” como o primeiro marido de Branca:

– Boba! Aquele príncipe gostava mais dos veados e dos faisões do que de você. Além disso era um príncipe sem importância, dos que não têm história. Já o Codadade é de outro naipe – pertence às ‘Mil e Uma Noites’, coisa mil e duas vezes melhor. Eu, se fosse você, até pulava de contentamento (LOBATO, 2004, p.49).

Exercitando a metalinguagem e antecipando a estética moderna e contemporânea pela qual as informações e conceitos são categorias híbridas e abrangentes de esferas diversas da experiência humana cuja emissão e recepção muitas vezes se dá através de mais de um dos sentidos (visão, tato, audição, olfato e paladar), temos, em *O Picapau Amarelo*, Branca de Neve tomando conhecimento do maravilhoso longa-metragem sobre sua vida feito por Walt Disney:

– Quem é esse Disney? [quem pergunta é Branca de Neve]
 – Oh, um gênio! – berrou Emília. – O maior gênio moderno – maior que Shakespeare, que Dante, que Homero e todos esses cacetões que a humanidade tanto admira. Faz desenhos animados, mas com uma graça de a gente chorar de gosto. A fita de você, Branca, é o suco dos sucos!
 (...)
 – Pois o cinema – continuou Pedrinho – é a única invenção realmente boa que os homens inventaram. É uma invenção só de paz (LOBATO, 2004, p.24).

Mais uma vez, a fala de Emília é o espaço para a liberdade de opinião. Através de sua boneca de pano Lobato pode chamar de “cacetões” nomes canônicos da literatura universal e aproximar-se da opinião das crianças apresentadas a estes mestres de forma desavisada, descontextualizada e impositiva.

A questão da *autoridade* e do suposto papel do *autor* de uma obra como fonte de sua *autenticidade* também não escapa de Lobato. Em *O Picapau Amarelo*, D. Quixote não sabe que suas histórias estão correndo mundo num livro.

Vendo um exemplar da obra de Cervantes ilustrado por Gustavo Doré, assim fala o cavaleiro andante:

- Isto não passa de uma mistificação! – protestou ele. – Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou - espetei aquele lá.
- Isto é inevitável – disse Dona Benta. – os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isso a História não passa de histórias (LOBATO, 2004, p.18)

O Sítio do Picapau Amarelo se torna o lugar onde os personagens têm liberdade para questionar o que os autores escreveram sobre eles nas histórias originais. Os personagens adquirem, assim, vida e pensamento crítico independentes do que foi escrito nas obras de origem. Aliás, a vida do personagens fora de seus livros é especificamente relatada e a própria *autoridade* dos *autores* se torna relativa, como lamenta D. Quixote:

- (...) Hoje estou velho, cansado – difamado. O tal Cervantes escreveu um enorme livro em que me pinta como me imaginou – não como na realidade sou. E o mundo cruel aceita com a maior ingenuidade tudo quanto esse homem diz...
- Console-se comigo – disse o Capitão Gancho. – Tive o meu Cervantes num historiador inglês de nome Barrie, o qual me meteu a riso no mundo inteiro. Imagine, Senhor D. Quixote, que esse Barrie me pinta em seu livro como derrotado várias vezes por uma criança – um menino de nome Peter Pan! E, ainda mais, como perseguido e devorado por um jacaré... Ora, isso é infâmia pura, porque na realidade sou um dos maiores chefes de flibusteiros do mundo e gozo de perfeita saúde (LOBATO, 2004, p.41).

Emília, entretanto, discorda do Capitão Gancho e defende a veracidade do que está escrito na obra Peter Pan, lembrando detalhes da “versão oficial”. A interferência da boneca, no entanto, não é suficiente para que os personagens considerem inquestionável a voz autoral ou sagrada a palavra escrita:

- Sim, é isso que os livros dizem – concordou o velho pirata – mas tanto é falso que aqui estou, são como um pero.
- Mas eu li! – gritou Emília.
- E que tem que você tenha lido, bonequinha? O fato de a gente ler uma coisa não quer dizer que seja exata. Os livros mentem tanto como os homens (LOBATO, 2004, pp.41-42).

Esta passagem onde os personagens redimensionam a *autoridade* do escritor e a concepção de texto escrito como suporte apenas de verdades ‘oficiais’ não é curta e envolve vários personagens, o que parece demonstrar que Lobato queria mesmo grifar tais questões.

Em conformidade com seu projeto de literatura para a construção de sujeitos críticos, Lobato dessacraliza velhas concepções e incute em seus leitores a *desconfiança inteligente* – desconfiança que impede a aceitação pacífica de ‘verdades’ sem reflexão ou investigação individual.

Lobato, sempre a frente de seu tempo, já nas primeiras décadas do século XX provocava discussões acerca da ficcionalidade da própria História enquanto discurso factual. Aliás, se admitimos a História enquanto narrativa, por que desmerecer o *teor de verdade* das ficções enquanto expressão do imaginário?

A concepção de *ficção* como uma *outra realidade* e não como *discurso falso*, tão cara ao pensamento lobatiano, se faz sentir em passagens que revelam que *mesmo dentro da ficção o falso pode acontecer*. É o caso do falso Gato Félix que enganou por pouco tempo os moradores do Sítio em *Reinações de Narizinho*.

Os elementos mais simples do ‘mundo real’ são reiventados no mundo da fantasia. O despertador engolido pelo crocodilo que persegue o Capitão Gancho, por exemplo, nunca pára de funcionar, nunca fica sem corda. Porém, não se espera que a criança aceite passivamente os dados de uma realidade paralela, mas que os questione, que busque sua lógica interna para que possa, então, olhar criticamente para os dados de sua realidade cotidiana convencional. É nesta chave que Narizinho medita:

- Está aí uma coisa que me espanta – disse Narizinho. – A corda desse despertador já devia ter acabado há muito tempo.
- Devia, se fosse no ‘mundo normal’ – explicou Emília. – Aqui no mundo fabuloso nada acaba – nem corda de despertador! (LOBATO, 2004, p.52).

Em *O Picapau Amarelo*, quando as mais diversas tradições do Maravilhoso se mudam para o Sítio, o Reino das Águas Claras, o reino fantástico ‘caseiro’ original das terras do Sítio, não fica de fora. Desde *Reinações de Narizinho*, o Reino das Águas Claras é o lugar por excelência da gênese do maravilhoso no Sítio: é naquele reino que Narizinho conhece D. Carochinha e o Pequeno Polegar; é lá que Narizinho se torna *princesa e rainha ao mesmo tempo* e Emília recupera o dom da fala.

A viagem de Narizinho ao Reino das Águas Claras simboliza um verdadeiro rito de passagem que modificará para sempre a vida dos habitantes do Sítio e é a partir do retorno de Narizinho e da falante Emília ao Sítio que Dona Benta e Tia Nastácia, a princípio descrentes das aventuras narradas pela menina, começam a

participar dos acontecimentos maravilhosos que tomam conta do Sítio. Vejamos a fala de Dona Benta, descobrindo a mudança do Reino das Águas Claras para o Sítio:

Mas isso é nada diante do resto. Imaginem que, com a maior das surpresas, descobri que o Reino das Águas Claras ainda existe, e que o Príncipe Escamado, com toda a sua corte, já se mudou para as Terras Novas. Assim que souberam da colocação do Mar dos Piratas no sítio, vieram a galope (LOBATO, 2004, p.42).

Como já mencionamos, apesar de aceitar a mudança dos moradores das fábulas para o Sítio, Dona Benta estabelece regras e demarca terras específicas para estes habitantes. É interessante notar que há a tentativa de separar os dois mundos (o Sítio e as Fábulas), mas sem sucesso: aos poucos, os próprios netos vão trazendo personagens maravilhosos para ficarem no Sítio e promovem a fusão dos mundos. É com esta mistura que Lobato vai preparando sua *Salada de Fábulas*, como depois nos ensinaria Rodari, e a idéia de uma salada cultural é perfeita para simbolizar a híbrida formação de nossa cultura brasileira, nossa geléia geral de etnias, saberes e influências.

Dona Benta logo percebe que seu sítio se tornará um espaço intercultural:

– A combinação que eu fiz foi de que “eles” ficavam para lá da cerca e nós para cá; mas um a um os meninos vão trazendo para aqui todos os personagens maravilhosos. Nesse andar, passam-se todos para cá e eu tenho de mudar o sítio para lá... (LOBATO, 2004, p.45).

Em um dos diversos exercícios de humor e crítica moral presentes na obra, a suposta superioridade humana diante dos animais quadrúpedes é ironizada por Lobato através da resposta do Burro Falante ao Capitão Gancho quando este tenta corromper a fidelidade do animal aos habitantes do Sítio:

– Senhor pirata – disse ele – a sua proposta nos ofende. Somos quadrúpedes no físico e no moral; isto é, a nossa lealdade se firma em quatro pés, não só em dois, como a dos bípedes humanos. Por capim nenhum no mundo nós trairíamos os nossos amados donos (LOBATO, 2004, p.50).

Já destacamos o lugar de relevância reservado à mitologia grega na obra. Ao fim da narrativa, a mitologia grega é novamente abordada e valorizada como o maravilhoso ancestral: a forma grega de construção de fantasia, a ser degustada

pelas crianças tanto quanto os contos de fadas tradicionais. Assim Dona Benta apresenta aos netos o mundo maravilhoso dos gregos:

– A Grécia povoou o mundo de deuses, semideuses, heróis, monstros, gigantes, ninfas, sátiros, faunos, náíades e mil coisas mais – tudo lindo, lindo... Agora vamos lá apenas para um breve passeio – mas temos de voltar para uma estada longa. Ah, como vocês hão de apreciar a Grécia!... (LOBATO, 2004, p.52).

Os meninos ficam empolgadíssimos para conhecer a Grécia e Dona Benta decide que a próxima viagem será para lá, “e dará um livro” (dará mesmo). A passagem se presta a mais uma prática de metalinguagem, onde os personagens do Sítio passam a idealizar o título do livro sobre suas aventuras na Grécia – exercício que não prescinde do humor para apresentar aos leitores infantis títulos clássicos da cultura ocidental:

– Que lindo livro vai ser! – exclamou Emília – VIAGEM DO SÍTIO PELO OCEANO DA IMAGINAÇÃO GREGA.

– Comprido demais, Emília. Os títulos devem ser curtos, se não ninguém de cora. Veja: OS LUSÍADAS, A ILÍADA, A ODISSÉIA, O INFERNO, A ENEIDA...

– Então fica sendo A EMILEIDA, propôs a diabinha – mas ninguém concordou por ser desaforo: a viagem não era só dela, era de todos.

– Pois então que seja A SITIEIDA...

– E por que não A ASNEIREIDA? – lembrou Narizinho (LOBATO, 2004, pp. 52-53).

A chegada de iate dos habitantes do Sítio e outros personagens fabulosos à região dos gregos é tomada de encantamento por tudo que lá encontram:

O iate já ia chegando. Pelo binóculo puderam ver várias maravilhas: as ninfas dos bosques perseguidas pelos faunos tocadores de flauta; centauros belíssimos, metade do corpo homem, metade cavalo, em doidos galopes pelos campos; lá longe, o Minotauro, monstro meio homem, meio touro, metido dentro do labirinto; e a terrível Esfinge que devastava a cidade de Tebas e só sossegou quando lhe decifraram o enigma; e bem no alto duma montanha, o tal Prometeu amarrado à rocha e devorado vivo por um abutre...

– Quantas belezas, vovó! – exclamou Narizinho. – Lá, sim, vale a pena aventurar... (LOBATO, 2004, p.53)

Dona Benta ainda descobre, com assombro, que D. Quixote está nas terras gregas, interagindo com os personagens locais, numa perfeita configuração da *salada de fábulas* pretendida por Lobato: “Dona Benta olhou e viu que era verdade. O herói da Mancha invadira o bairro grego e estava em luta com a Hidra de Lerna!” (LOBATO, 2004, p.53).

A relatividade de conceitos como *tempo* e *espaço* e a inexistência de distâncias para quem viaja com a *imaginação* estão novamente presentes quando Emília responde para o Cupido onde fica o Sítio:

- É longe? – perguntou.
- É e não é. Tudo depende. Mas isso fica para depois. Agora vim a negócios – e contou o caso de Branca de Neve e do Príncipe Codadade (LOBATO, 2004, p.53).

Cupido empresta seu arco para Emília unir o casal, mas somente por um dia, já que sem o trabalho do deus grego, “o mundo pára – por falta de amor”. Enquanto o arco estiver com a boneca, “não vai haver nenhum amor no mundo” (LOBATO, 2004, p.54).

No capítulo XXIV, intitulado *Os visitantes*, os sentinelas do Sítio Burro Falante e Quindim recebem a visita de um grupo de crianças. O efeito diferenciado fica por conta do uso de nomes verdadeiros de crianças ‘reais’ – crianças que Lobato conhecia pessoalmente ou com quem trocava correspondência sobre o Sítio.

A identificação dos leitores com tais crianças é imediata. As crianças-visitantes falam com os sentinelas do Sítio sobre outros livros e ficam sabendo, em primeira mão, da aventura corrente da mudança do Mundo das Fábulas para o Sítio, ainda não publicada:

- Somos amigos dos tais netos cujas histórias vêm nas ‘Reinações de Narizinho’ e outras obras. Muito lutamos para localizar o sítio; mas à força de indagar aqui e ali e de escrever cartas a este e àquele, conseguimos encontra-lo. Mas esta porteira aqui é novidade. Nos livros a porteira é aquela outra lá – a porteira velha (...).
- (...)

– Não sabe ainda? Pois Dona Benta comprou diversas fazendas vizinhas para cujas terras mudou todos os personagens do Mundo da Fábula. Isto aqui anda agora movimentadíssimo. D. Quixote e Sancho estiveram cá. Também o Príncipe Belerofonte com o Pégaso e a Quimera. E o Pequeno Polegar está lá dentro, na enfermaria, sarando numa perna quebrada. (...) Sim, todos os personagens das fábulas mudaram-se para as Terras Novas (LOBATO, 2004, p.60).

As crianças “reais” que invadem a trama fazem de conta que são os personagens do Sítio, querem sê-los:

– A Emília agora sou eu, gentarada!

(...)

‘– Eu sou Pedrinho!’ – berrava uma. ‘– E eu sou Narizinho!’ – berrava outra. ‘– E eu sou Dona Benta!’ – berrava a terceira. ‘– E eu tia Nastácia!’ (LOBATO, 2004, p.61).

Podemos assim concluir que *a salada de fábulas* se desdobra no contato dos habitantes do sítio com os de outras histórias, no contato dos habitantes de outras histórias com os de terceiras histórias e no ‘contato’ simbolizado expressamente na narrativa das crianças leitoras com os personagens ficcionais. Neste exercício, Lobato antecipa a dissolução e mescla de gêneros que caracterizam a literatura pós-moderna.

Paralelo ao episódio dos leitores visitantes, lá na Grécia Dona Benta descreve Orfeu de forma maravilhada e maravilhosa:

– Este freguês foi educado pelas Musas. Sua lira tem a propriedade de encantar a quem a ouve – seja fera, rio ou árvore. Tudo cai no enlevo, de boca aberta e olhos pasmados; as feras choram de ternura; as árvores derramam as folhas como se fossem lágrimas; os rios param de correr, com todos os peixes de cabecinha de fora... (LOBATO, 2004, p.66).

Branca de Neve, personagem da tradição européia, irá se casar com o Príncipe Codadade das lendas árabes, levando ao ápice a estética lobatiana de interpenetração de diferentes tradições culturais. O capítulo XXVI, *O casamento de Branca de Neve*, dá conta da festa para a qual foram convidados os personagens das mais diversas tradições e a descrição de sua chegada é mais uma demonstração do verdadeiro carnaval de fábulas que deleita o leitor ao longo da narrativa. A citação abaixo, embora longa, é fundamental para ilustrar em detalhes a dimensão da combinação de tradições do maravilhoso na obra:

(...) Rosa Branca e Rosa Vermelha vieram ao mesmo tempo apesar de estarem brigadas. Aladino apareceu com a lâmpada a tiracolo. Os heróis gregos surgiram num grupo – Aquiles, vestido de guerreiro, com o famoso escudo ao ombro; Jasão, o chefe dos Argonautas; Midas, o rei da Frigia; Perseu, o herói que decepou a cabeça da Medusa...

E vieram as semideusas gregas, cada qual mais resplendente [SIC, existe no dicionário] de formosura: as Doze Musas; as Três Graças; Filomela, a deusinha dos rouxinóis; Pomona, a ninfa que presidia aos jardins e pomares; Pirene...

(...)

E veio Psique, (...) a boa Penélope (...).

E veio até a Fênix (...).

E depois dos gregos vieram personagens de outras mitologias, como o Príncipe Mitra, da Pérsia, a personificação do Sol; e Niorde, uma espécie de Netuno da

Escandinávia; e a formosa Tisbe, da Babilônia, que causou sem querer a morte do seu amado Píramo.

(...)

Depois de Tisbe chegou uma encantadora dançarina hindu – Sundartará (...) (LOBATO, 2004, p.67).

A chegada da dançarina Sundartará, aliás, não passa imune ao humor que Lobato faz questão de incorporar às suas obras infantis. Vejamos como a voz de Emília é, como sempre, veículo para brincar com as possíveis crenças de uma personagem hindu, dona de um camundongo do qual jamais se separava: “ (...) A formosa dançarina do Deus Xiva nunca largava esse camundongo – sinal, pensou Emília, de que em outra encarnação ela havia sido gata” (LOBATO, 2004, p.67).

É bastante significativo, dentro da narrativa, notar que a festa de casamento que celebraria o grande encontro de personagens culturas diferentes fracassa justamente porque os monstros e vilões das fábulas não foram convidados pelo noivo. Furiosos, os *personae non gratae* decidem invadir e acabar com a festa – afinal, um carnaval de fábulas que se preze não pode desprezar este ou aquele folião:

(...) Os monstros fabulosos, ofendidos com o Príncipe por não tê-los convidado, resolveram vir estragar a festa. (...) A Hidra de Lerna, a tal que havia descadeirado D. Quixote. Briaréu, o gigante de 50 cabeças e 100 braços. Bandos de Centauros e faunos. Os ciclopes, gigantes de um só olho no meio da testa. Diomedes, feroz tirano da Trácia que alimentava os seus corcéis com a carne dos hóspedes. Os Egipãs, metade homens, metade bodes. Encélado, o titã que procurou escalar o céu e caiu no fundo do vulcão Etna, derrubado por um raio de Júpiter. As Três Fúrias: Tisífona, Alete e Megera. Cérbero, o terrível buldogue que guardava as portas do Inferno. As Três Górgonas, de cabelos de serpentes. Pítia, a gigantesca serpente que lutou com Apolo. Vários hipogrifos: cavalos alados, com garras e caudas de dragão.

Vinha até a pobre Quimera, lá atrás de todos, manquitolando (LOBATO, 2004, pp.70-71).

Lobato também desmascara a inutilidade dos conhecimentos teóricos quando desvinculados de ações transformadoras, de atitudes de solução. O Visconde de Sabugosa, o *sábio sabugo*, embora represente o saber enciclopédico e erudito, é muitas vezes tomado pela indecisão diante de perigos ou conflitos, como a possível perda do Sítio para piratas invasores. Nestas circunstâncias, é a astúcia empreendedora e as manobras exóticas da inculta Emília que trazem as soluções necessárias, nem que seja a solução de “fazer de conta” para alterar uma situação desfavorável:

O Visconde coçou as palhinhas de milho do pescoço. Não achou remédio. Os sábios são criaturas indecisas; não resolvem nada.

Emília meteu no meio a colherzinha torta.

– Ora, ora, ora, Dona Benta! – disse ela. O caso é do mais simples. Deixamos tudo como está para ver como é que fica. Se os capangas do Capitão Gancho tomarem posse do sítio, nós daremos um jeito. Se não tomarem, melhor!

Dona Benta achou que a solução de Emília não era solução de coisa nenhuma – mas como já estivesse cansada de pensar naquilo, aceitou-a (LOBATO, 2004, p.68).

O Picapau Amarelo chega ao fim com o rapto de Tia Nastácia, um precioso ‘gancho’ que nos leva à leitura de *O Minotauro*, livro seqüencial genialmente concebido pela alma de Lobato-Editor.